

O que revelam os professores indígenas em início de carreira? Um estudo da Escola Estadual Intercultural Guateka Marçal de Souza - Aldeia Jaguapiru no município de Dourados/MS

Queila Viana da Silva¹, Andréia Nunes Militão²

¹ Escola Municipal Francisco Meireles. Secretaria Municipal de Educação de Dourados - MS. Aldeia Jaguapiru de Dourados, 746 b. Dourados - MS. Brasil. ² Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS.

Autor para correspondência/Author for correspondence: andreiamilitao@uems.br

RESUMO. O presente artigo origina-se de pesquisa de campo realizada na Escola Estadual Intercultural Guateka Marçal de Souza situada na Aldeia Jaguapiru na cidade de Dourados/Mato Grosso do Sul. Tem por objetivo precípuo identificar elementos considerados pelos professores iniciantes indígenas como facilitadores ou dificultadores da sua iniciação na profissão. Para captar as potencialidades e possíveis dificuldades características do início da docência, a pesquisa foi organizada em três etapas: 1) análise documental do Projeto Político Pedagógico; 2) Aplicação de questionário para todos docentes da escola selecionada; e 3) Realização de entrevistas com cinco professores iniciantes, ou seja, aqueles que estavam exercendo a docência a menos de cinco anos. A análise dos dados coletados indica dificuldades no exercício inicial da docência, dentre elas, destaca-se a inexistência de material didático na língua guarani e terena; ausência de apoio dos gestores (coordenadores pedagógicos e diretores) e falta de solidariedade dos colegas com mais experiência. Outra dificuldade constatada foi à rejeição por parte da comunidade e de alunos com relação à saída de docentes não indígenas para que os docentes indígenas assumissem o cargo. Depreende-se que a inserção de professores indígenas, além das dificuldades indicadas pela literatura da área, revela um cenário com características próprias da realidade indígena.

Palavras-chave: Formação de Professores, Professor Iniciante Indígena, Iniciação à docência.

What do reveal indigenous teachers at the beginning of their careers? A study by the Intercultural Guateka Marçal de Souza State School - Jaguapiru village in the city of Dourados/MS

ABSTRACT. This article originates from the field research developed at the Intercultural Guateka Marçal de Souza State School, in the Jaguapiru Village, in the city of Dourados/Mato Grosso do Sul. Its main objective is to identify elements considered by the indigenous beginning teachers as facilitators or hinders of their initiation into the profession. To capture the potentialities and possible difficulties characteristic of the beginning of teaching, the research was organized in three stages: 1) documentary analysis of the Pedagogical Political Project; 2) application of a questionnaire to all teachers of the selected school; and 3) conducting interviews with five beginning teachers, that is, those who had been teaching for less than five years. The analysis of the collected data indicates difficulties in the initial exercise of teaching. Among them, we highlight the lack of didactic material in Guarani and Terena; absence of support from managers (pedagogical coordinators and directors), and lack of solidarity from colleagues with more experience. Another difficulty found was the community and students' rejection regarding the departure of non-indigenous teachers to allow indigenous teachers to assume the position. Apparently, the insertion of indigenous teachers, in addition to the difficulties indicated by the literature in the area, reveals a scenario with specific characteristics of the indigenous reality.

Keywords: Teacher Education, Indigenous Beginning Teacher, Teaching Initiation.

¿Qué revelan los profesores indígenas al inicio de la carrera profesional? Un estudio de la Escuela Estatal Intercultural *Guateka* Marçal de Souza - Aldea Jaguapiru en la ciudad de Dourados/MS

RESUMEN. Este artículo tiene su origen en estudios de campo realizados en la Escuela Estatal Intercultural *Guateka* Marçal de Souza, ubicada en la Aldea Jaguapiru en la ciudad de Dourados/Mato Grosso del Sur. Su objetivo principal es identificar elementos considerados por los profesores principiantes indígenas como facilitadores u obstaculizadores de su iniciación a la profesión. Para captar las potencialidades y posibles dificultades propias del inicio de la docencia, la investigación se organizó en tres etapas: 1) análisis documental del Proyecto Político Pedagógico; 2) aplicación de un cuestionario a todos los profesores de la escuela seleccionada; y 3) realización de entrevistas con cinco profesores principiantes, es decir, aquellos que estaban practicando la docencia desde hace menos de cinco años. El análisis de los datos recogidos indica dificultades en el ejercicio inicial de la docencia, entre ellas destacan la inexistencia de material didáctico en la lengua guaraní y terena, la ausencia de apoyo de la administración (coordinadores y directores pedagógicos) y la falta de solidaridad de los compañeros con más experiencia. Otra dificultad encontrada fue el rechazo de la comunidad y de los estudiantes ante la salida de docentes no indígenas para que los docentes indígenas ocuparan el puesto. Se desprende que la inserción de profesores indígenas, además de las dificultades señaladas por la literatura en el área, revela un escenario con características propias de la realidad indígena.

Palabras clave: Formación del Profesorado, Profesor Principiante Indígena, Iniciación a la Docencia.

Introdução

A presente investigação decorre de dois processos concomitantes. Inicialmente a investigação realizada sobre a formação inicial de professores de duas universidades públicas situadas no interior do Mato Grosso do Sul (Perboni & Figueiredo, 2019; Perboni, Militão & Figueiredo, 2020). Desta investigação sobre as licenciaturas observou-se que a conclusão do processo de formação inicial traz consigo algumas inquietações. Dentre elas, questiona-se como ocorre a inserção dos professores indígenas em início de carreira em uma escola intercultural indígena? Dada a peculiaridade local da formação de docentes indígenas nos cursos de licenciaturas, que por determinação legal tem preferência para atuação como docentes nas escolas indígenas, elegeu-se como *locus* de investigação a Escola Estadual Intercultural Guateka Marçal de Souza na Aldeia Jaguapiru situada no município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

Tendo como pressuposto que formação de professores “compreende um processo complexo e contínuo que ocorre ao longo da vida, em diferentes espaços sociais, e não apenas em cursos de licenciatura ofertados em instituições de ensino superior” (Amorim, 2017, p. 277), trataremos nesse trabalho de uma das

dimensões do campo da formação de professores, portanto, da inserção de professores indígenas na docência. Corroborando com essa perspectiva, Papi e Oliver Martins (2019) asseveram que:

... a Formação de Professores enquanto campo de pesquisa pareça referir-se a um elemento de maior especificidade, o fato é que múltiplos aspectos que estão relacionados a ela podem ser abordados, possibilitando estudos voltados para a Formação Inicial e Continuada, o Desenvolvimento Profissional Docente, o período de Iniciação na Docência, a Profissionalização, entre outros, embora, ao final, eles acabem convergindo para elementos que dizem respeito ao professor, sua formação e ação pedagógica. (Papi & Oliver Martins, 2009, p. 252).

Trata-se, portanto, de período complexo, pois como destacam Cunha, Braccini e Feldkercher (2015, p. 74), “a preparação que tiveram não responde às exigências da docência e não foram para ela preparados”, podendo inclusive levar a “deserção” ou abandono da profissão por parte dos professores iniciantes.

Ao mapearem as tendências das pesquisas sobre professores iniciantes, Cunha, Braccini e Feldkercher (2015) identificaram oito dimensões: experiências de acompanhamento e formação dos iniciantes; construção dos saberes dos professores iniciantes; saberes de

professores/alunos na formação inicial/estágios; inserção profissional, políticas públicas e trabalho docente; professores principiantes em contextos desfavoráveis; professores iniciantes e a educação digital; formação de formadores dos iniciantes; iniciação à docência e a pesquisa, e avaliação. Ao abordarmos a inserção de professores indígenas em início de carreira estamos tratando da dimensão “professores principiantes em contextos desfavoráveis”.

Considerando que “os primeiros anos de docência são fundamentais para assegurar um professorado motivado, implicado e comprometido com a sua profissão” (Marcelo Garcia, 2009, p. 20), problematizar esse contexto pode configurar contribuições para o campo da formação de professores, bem como para a melhoria das condições de trabalho docente.

Ao contrário de outras profissões, ao docente principiante, muitas vezes, cabe o exercício profissional em contextos complexos e exigentes na sua dimensão político-social e pedagógica. O abandono da profissão é particularmente alto em escolas interiorizadas e de zonas desfavorecidas, pois os docentes principiantes esmorecem frente às dificuldades e as inseguranças próprias de sua condição. Os ambientes de trabalho são precários e a valorização profissional muito relativa. (Cunha, Braccini & Feldkercher, 2015, p. 80).

Para Martins e Papi (2010, p. 01), o termo professor iniciante “Refere-se ao professor que se encontra no período inicial de exercício da docência”. A literatura indica tempos diferentes para caracterizar o início da carreira, sendo comum localizarmos o período de três a cinco anos. Para Huberman (1992), o período de inserção na carreira abrange os três primeiros anos de exercício profissional marcada pelos estágios de sobrevivência, descoberta e desistência, enquanto que Marcelo Garcia (2012) considera os cinco primeiros anos.

Considerando que o contexto de atuação profissional influencia e interfere no exercício profissional, cada “professor vivencia de forma diferenciada a aprendizagem da profissão, processo esse que se dá mediante as contradições presentes na realidade educacional e escolar” (Papi & Martins, 2010), optamos por investigar o início da docência dos professores indígenas. Para além das dificuldades enfrentadas ao longo da formação inicial, tínhamos como hipótese que as dificuldades não cessam ao ingressarem nas escolas indígenas.

Para Lima (2017, p. 64), “O início da vida profissional dos professores é um período de grande expectativa, medos e incertezas e pode ser considerada como a fase de passagem do sujeito da condição

de estudante para a condição de professor”.

Importante ressaltar que a inserção do professor indígena envolve além das questões recorrentes aos demais docentes, a dimensão da interculturalidade caracterizada pelas diferenças culturais e linguísticas entre seu espaço de formação na universidade, espaço de vivência na comunidade e seu espaço de atuação profissional nas escolas indígenas.

Em mapeamento da produção acadêmica sobre professor iniciante não se localizou nenhum trabalho sobre professor iniciante em escolas indígenas ou professores indígenas atuando em escolas indígenas e não indígenas. A ausência de trabalhos com esse foco amplia a importância dessa investigação, configurando um tema ainda pouco explorado. Para tratar dessa especificidade, recorreu-se ao uso de questionários e de entrevistas com professores indígenas. Assim, a próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a investigação e a sistematização dos dados coletados.

O que pensam os professores indígenas da Escola Estadual Intercultural Guateka Marçal de Souza da Aldeia Jaguapiru sobre o início de carreira?

Após aplicação do questionário com foco no perfil de formação e atuação dos professores, respondidos por 18 dos 23 docentes da escola, foram selecionados para a entrevista aqueles que tem menos de cinco anos de atuação, caracterizando o que a literatura da área situa como fase inicial da carreira ou período de inserção profissional.

Sobre o perfil dos professores entrevistados, três eram pertencentes à etnia terena e dois da etnia guarani atuando na escola com vínculo empregatício celetista e/ou contratado pelo Estado de Mato Grosso do Sul. Perfil semelhante foi identificado em pesquisa nacional por Romanowski e Oliver Martins (2013, p. 06) “O ingresso na carreira da educação básica ocorre de diversos modos, a saber: eventual, precário/provisório/temporário e por nomeação”.

As entrevistas foram balizadas por questões atinentes a diversas temáticas. O primeiro bloco versava sobre a decisão de exercer a docência e a percepção sobre o preparo para a atividade após a conclusão da licenciatura. Por que decidiu ser professor? Você se sente preparado para exercer a docência?

Um segundo bloco de questões problematizou as dificuldades enfrentadas no início do trabalho docente e as percepções iniciais sobre a escola, sobre

os alunos e sobre os colegas de trabalho, procurando traduzir a recepção inicial da escola aos novos professores. Quais são as principais dificuldades enfrentadas no exercício da docência? Como foi sua acolhida ao chegar a escola com professor? Na sua chegada à escola, quem o recebeu e orientou sobre o trabalho? Você ministrou aula no seu primeiro dia de trabalho à escola? Quais foram suas maiores descobertas no início da carreira docente? Quais sugestões você daria para quem está iniciando a carreira? Quais são as vantagens dos seus trabalhos? Quais são os aspectos negativos do seu trabalho?

Na sequência, tratou-se da prática profissional em si, considerando esse momento inicial da carreira, indagou-se os entrevistados sobre as parcerias e atividades realizadas com colegas de trabalho, com a comunidade, com a direção da escola ou com a universidade, além das questões de infraestrutura do espaço.

Nos momentos de dúvidas e dificuldades a quem recorre? Você tem conseguido realizar parceria com os colegas na escola? Você mantém vínculo/contato com a universidade onde se formou? A infraestrutura da escola interfere na realização do seu trabalho?

Como são os estudantes da escola/sala de aula que trabalha?

Na sequência apresentamos os dados coletados, organizados a partir da sistematização destes três eixos: a opção e o preparo para a docência; as percepções iniciais sobre a inserção na docência e a atuação profissional enquanto professores iniciantes.

Ao serem questionados sobre as motivações que os levaram à optar pela docência as respostas indicam as seguintes motivações: influência de professores do ensino médio, a condição de oferta em tempo parcial da licenciatura em Letras, influência do período de estágio e ainda a facilidade de conseguir trabalho posteriormente. As falas dos sujeitos entrevistados traduzem esses elementos:

Começou lá no ensino médio sexto ano e nas aulas de língua inglesa, com a professora Silvana até hoje eu lembro o nome dela, despertou em mim de querer aprender a falar a língua inglesa i a partir daí né surgiu, mas só que foi passando i quando eu terminei 2005 , ensino médio prestei vestibular i fiz o curso de química, não deu certo em 2010, eu voltei fiz letras e inglês terminei em 2014, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. (PI-01)

Na verdade, quando eu entrei na universidade, eu queria ter feito, sempre foi um sonho da minha mãe, enfermagem mais na época meu bebê era recém-nascido, então eu optei, por fazer letras porque era meio período. (PI – 02)

Sou professora na rede estadual da Guateka né daqui da aldeia e faz então pouco tempo que eu tô como professora formada né atuando em sala de aula e tem sido uma experiencia, não vou dizer inovadora por que todo o ano tem que pensar em alguma coisa diferente aquilo que não deu certo no primeiro ano, tentar ajeitar para outro ano e então porque que eu quis ser professora é na verdade meio que aconteceu assim ser professora, primeiro que eu não queria ser professora, é das últimas profissão que eu ia querer ser porque eu tenho tias, irmãs que são da área da licenciatura assim atuando na área da educação infantil e eu não achava nada interessantes, com o passar do tempo, parece que a vida vai te levando para os cursos da licenciatura no meu caso não é bem o que eu queria, mas quando eu entro em sala de aula período de estágio e as coisas vão acontecendo, vou substituindo algumas aulas eu fui me percebendo enquanto professora né e hoje eu olho e digo que não seria não faria o que eu faço hoje como professora eu me encontrei mesmo a parte que eu mais gosto é de estar atuando em sala de aula na parte do campo por isso que eu decidi ser professora. (PI – 03)

Pelo campo de trabalho aqui ser mais fácil, pra gente aqui principalmente agente morador da aldeia a saúde e educação são as duas áreas que a gente consegue serviço com mais facilidade pensando nisso visando isso eu já optei por essa área. (PI – 04)

É uma pergunta bem engraçada porque na verdade eu não decidi ser professora, eu me descobri professora depois da graduação e no primeiro contato com a sala de aula, na verdade eu me descobri professora eu não planejava ser

professora, não era meu projeto. (PI – 05)

Ao inquirirmos sobre a preparação para a docência, os cinco professores expressaram que o tempo de duração da licenciatura permitiu a apropriação de conteúdos metodológicos e, como lidar com os alunos, corroborando que “... as dificuldades advêm mais das condições de realização do trabalho pelo professor e do que geradas por uma formação inicial deficitária” (Romanowski, Oliver & Martins, 2013, p. 13).

Um aspecto que chama atenção na fala de PI-01 é a concepção de formação contínua; expressa na fala “professor não pode parar no tempo, que você tem que ficar sempre se atualizando vamos dizer assim”. Entre as dificuldades, ressaltaram a questão do não domínio da língua e da ausência de material didático em línguas indígenas e com foco na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Para PI-03, a segurança advém da experiência.

Sim, 2014. Eu penso assim que é na prática que a gente aprende, porque é nos quatro anos de graduação, assim nós aprendemos a metodologia como que a gente tem que lidar com aluno o conteúdo todas essas coisas mas meu primeiro ano em 2016 como professora logo de cara, assim não tive experiência, ensino fundamental no município, eu fui direto para o ensino médio eu levei um choque porque no primeiro dia, não sabia nem o que falar e foi muito assim aos poucos fui me

familiarizando com os alunos, aprendi também que o professor não pode parar no tempo, que você tem que ficar sempre se atualizando vamos dizer assim. (PI – 01)

Não eu não acho, que não é a mesma porque na coisa, quando você está dentro aprende mais a teoria quando você está dentro de uma faculdade, sala de aula, lá você aprende mais a teoria e quando você vem pra sala de aula, a prática é diferente a minha maior dificuldade que eu encontrei com os falantes da língua, porque o material didático que vem não te dá suporte, pra você trabalha com os alunos do EJA também tem vários alunos não são alfabetizados, então o material que vem da sede, eu acho que não é adequado assim, pra tá auxiliando o professor. (PI – 02)

Agora já depois desse tempinho aí eu acho que a experiência de ano a ano te dá um pouquinho mais de segurança e eu acho que a cada ano que passa eu acho um pouquinho mais preparada, não totalmente preparada sabe? Cabeça de aluno, cabeça de cada ano que você recebe os primeiros anos, segundo ano até quando chega o terceiro ano já estão acostumados com você, quando chega no primeiro ano eles chega de maneira bem diferente então eu digo, quando algo que não deu certo ano passado eu tento não reproduzir esse ano eu me adequo na sala, eu me adequo na sala em cada sala é uma discussão diferente tem coisa que produz em cada sala produz, outra não produz acho que estou um pouquinho preparada. (PI – 03)

Em relação a preparação do docente na escola: Agora sim mas no início foi bem complicado, por que você aprende uma coisa na universidade, aí chega na prática é totalmente diferente, agora como já digamos assim com cinco anos de docência eu já estou preparada de novo

digamos assim você tem que estudar constantemente, não pode parar nunca, principalmente dos alunos do ensino médio onde os conteúdos são mais complexos tem que estar estudando e se preparando sempre e a falta de recursos né? (PI – 04)

Hoje eu posso dizer que sim, a sala de aula te dá uma estrutura para você se encontrar na docência e eu posso dizer que eu estou preparada para exercer a função de professora. (PI – 05)

Ao perguntarmos quais são as principais dificuldades, enfrentadas no exercício da docência, obtivemos as seguintes respostas:

A questão de a gente não para, não para porque isso varia muito em questão do período, tem suas especificidades matutinas, vespertino trabalho como professora de língua portuguesa de manhã são alunos bem críticos, como se a gente vai passar o conteúdo assim procuro me preparar, pesquisa muito, porque naquela aula vai surgir pergunta é diferente do período vespertino que são mais retraídos. (PI – 01)

Foi difícil porque nós indígenas, quando entramos na Guateka, não fomos bem aceito, nem pela gestão diretor digamos assim e também os alunos, quando nós entramos tivemos muita dificuldade porque os alunos não aceitavam assim: que os professores brancos saíssem, para nós podermos assumir. (PI – 02)

Acho que uma das coisas assim você fica pensando como é que você vai dar a tua aula é pela falta dos próprios recursos mesmo, mesmo que seja mais dinâmico material, como estamos vivendo momentos de crise é um momento

que se não tem o material suficiente assim mesmo para criar uma boa aula então acho não só tem um tempo esse momento que está vivendo acaba querendo fugir da maneira tradicional, mas acaba caindo na mesma situação e lá na frente falando com o giz e é isso. (PI – 03)

Que a gente não tem recurso para trabalhar na escola pública, falta muita coisa ainda não tem laboratório a internet não é suficiente não atende todo mundo ainda. (PI – 04)

Este primeiro bloco de questões desvela a compreensão que a aprendizagem da docência é um *continuum*, não cessando com o término do curso de licenciatura. A esse respeito, André (2018) defende:

Esse movimento, no entanto, não pode ficar restrito à iniciativa pessoal; ele deve encontrar eco nas instituições de ensino e nas políticas educacionais. O principiante precisa receber apoio e orientação no ambiente de trabalho, de modo que reconheça que a docência é uma profissão complexa, que exige um aprendizado constante e que para enfrentar as questões e os desafios da prática cotidiana é preciso continuar estudando, recorrer a colegas mais experientes, buscar apoio, dispor-se a aprender. (André, 2018, p. 06).

Outro elemento importante ao analisarmos o início da carreira docente, refere-se a acolhida na escola como professor. Tínhamos como hipótese que a acolhida seria positiva, pois os

entrevistados foram alunos da escola e/ou são pertencentes à comunidade indígena. Para três sujeitos a acolhida foi positiva (PI-01, PI-04 e PI-05). Apontam o trabalho da coordenadora e o fato de ser ex-aluna da escola como fatores facilitadores na inserção profissional. Para PI-01, “Graças à Deus que eu tive sorte de ter uma coordenadora que me orientou que é a professora Egiseli no primeiro ano eu peguei as aulas, leitura e interpretação de texto LPT, e então eu trabalhei com o texto a estrutura de um texto dissertativo, essas coisas mais voltada com a interpretação do que da gramática”. Expressa PI-04 que “Foi bem tranquilo, por parte dos alunos, por parte da direção, da coordenação foi bem tranquilo” e (PI – 05) acrescenta “como eu fui aluna daqui eu fui bem acolhida porque era um retorno, então assim, eu fui bem acolhida e foi bem tranquilo”. No entanto, dois entrevistados manifestaram terem vivenciado dificuldades: “Não fomos bem acolhidos” (PI – 02) e “Quando eu cheguei à rede estadual foi um momento de transição, vou especificar porque assim a Escola Guateka ela caminha no perfil 50% indígena e 50% não indígena é o ano que ela deixa de ser 50% indígena e ela passa a ser 70% indígena e os outros 30% não indígena quando eu chego” (PI – 03).

Ao inquirirmos sobre quem o recebeu e orientou como deveria ser o trabalho docente, as repostas apontaram o coordenador pedagógico, seguido da direção, dos próprios professores e, por fim, pela comunidade. O PI – 01 destaca “quem me apoio, ajudou muito no começo foi a minha coordenadora e o professor também né, teve um momento que eu pensei cara, será que eu vou conseguir”. As falas dos sujeitos apresentam estas diferentes percepções quanto ao momento inicial de inserção profissional na escola.

Nós tivemos assim, mais orientação assim, por parte da coordenação né, mas assim a gente não teve na verdade os professores indígenas tiveram que montar um grupo de estudo vê a forma de trabalho conhecer as dificuldades dos alunos. (PI – 02)

Própria comunidade mais que ao longo do ano teve que fazer várias conversas, muita conversa pra ajudar até agente mesmo ajudar a própria comunidade porque eu estava entrando no lugar de alguém que não era indígena, foi essa resistência que eu percebi a dificuldade a hora que tava entrando mesmo. (PI – 03)

Foi a direção, depois a coordenação também, que estavam sempre orientando a gente. (PI – 04)

Quando eu cheguei quem me orientou foi a coordenadora, quando eu entrei em 2016 ela me apresentou um pouquinho do plano como funcionava, como era o andar da metodologia, mas assim, foi bem bom no meu ponto de vista. (PI – 05)

Para compreender esse primeiro momento do novo docente na escola foi perguntado se ministraram aula no seu primeiro dia de trabalho?

No primeiro dia eu levei um texto deleite e pra lê com os alunos me apresentei falei das minhas metodologias, como é que eu vou avaliar os alunos, como eu gosto de fazer, analise eu peguei leitura deleite e nós fizemos uma breve análise. (PI – 01)

Não, primeiro eu só conversei com os meus alunos né pra conhecer eles. Conte um pouco da minha trajetória também fui aluna da Guateka então primeiro há uma roda de conversa com eles. (PI – 02)

No primeiro dia de aula não, não consegui não teve como dar aula, foi só aquele momento de eles me conhecerem e eu conhecer eles. No primeiro dia de aula não teve como dar aula, teve que fazer todo aquele reconhecimento ainda de eles me conhecerem. (PI – 03)

Eu me apresentei e trabalhei uma atividade mais dinâmica com eles, não foi aula em si, mas, a questão dinâmica foi mais apresentação. A acolhida também com os alunos. (PI – 04)

Eu tentei acho, que eu tentei, mas assim dar uma primeira aula mas não fluiu é quando você vê na tua visão na sala de aula não é aquilo ali mesmo quando você sai da graduação pensando que é um negócio simples quando você chega lá e uma outra coisa bem diferente. (PI – 05)

Percebe-se na fala do PI – 05, que desde os primeiros contatos com a escola

na condição de professor, existe uma ressignificação daquilo que pensava antes. Neste sentido, na procura de vislumbrar essas percepções os depoentes foram questionados acerca das possíveis descobertas no início da carreira docente, os entrevistados apontaram:

As minhas maiores descobertas é que as minhas, como eu fui direto lecionar para os adolescentes e exige muito da minha parte e de eu estudar mais, eu não para no tempo né. (PI – 01)

No início da carreira foi assim, acreditava que poderia estar mudando, digamos não muita coisa alguma coisa, por exemplo, trabalhando com projeto tenho uma perspectiva de vida melhor na verdade a gente não consegue trabalhar, a gente não consegue sozinho e também a gestão não apoia a gente. (PI – 02)

A essa é boa, porque assim, porque assim na universidade, a gente tem aquela coisa assim bonitinha, aquele esforço gigante que vai dar certo de montar aquele plano de aula maravilhoso que vai dar certo primeiro passo, segundo passo, você acredita fielmente que vai sair você acredita que a coisa vai sair, quando você chega não consegue nem chegar à metade dos passos que você tinha proposto no seu plano de aula, eu percebi o seguinte, que a gente tem uma meta o assunto a ser abordado, mas geralmente não vai seguir aqueles passos do jeito que agente tava querendo. (PI – 03)

Que a gente, que assim não sai preparada da universidade que você tem que buscar correr atrás por que a prática é bem diferente do que você estuda na teoria. (PI – 04)

Olha minha maior descoberta como professora e que a principal ferramenta na formação e na vida do indivíduo porque você tá ali como transmissor de conhecimento. Mas você tá ali como reflexo tem dois campos, você e um espelho para o aluno, você vai transmitir e adquirir conhecimento, realmente pra mim fez muito sentido. (PI – 05)

As respostas denotam diferentes formas de encarar esse momento, o PI-02, destaca um aspecto mais pessimista, revelando um sentimento de desilusão e falta de apoio para mudar a realidade, ao passo que os outros entrevistados, apesar das dificuldades, compreendem esse momento como um desafio e uma oportunidade, ou mesmo como necessidade de aprendizagem.

Ao perguntarmos sobre possíveis sugestões você daria para quem está iniciando a carreira, obtivemos as seguintes respostas:

Lógico que vai levar certo choque, vamos dizer assim, porque às vezes imaginamos uma coisa, mas na realidade se deparamos né, com outra realidade, vamos dizer assim, dentro da sala de aula. (PI – 01)

Que não se acomode muitas vezes nos entramos em sala de aula às vezes por medo a gente acaba se acomodando. (PI – 02)

Pra quem tá entrando agora na sala de aula, não entra com muita expectativa para não se frustrar uma aula que a galera vai sair pronto sabendo tudo seja mais realista pega seu tema e estuda, estuda mesmo você e si próprio enfia a cabeça,

mas não cria aquela expectativa que todo mundo vai receber você bem né então minha dica é estar se preparando bastante e crie menos expectativa. (PI – 03)

Eu acho assim: você tem que se adaptar no ambiente onde a gente tá e assim, tem a questão da desvalorização, tem a questão da desmotivação tudo isso é um desafio que a gente tem que tá enfrentando. (PI – 04)

Comecei a avaliar como eu via meus professores na minha época do ensino médio e fundamental e eu estava convivendo com eles aqui como colegas de trabalho então e bem bacana essa ida para sala de aula traz uma visão bem, bem legal e bacana. (PI – 05)

O segundo bloco de questões que trata do início do trabalho, da sua inserção e acolhimento na escola, demonstra que apesar do “choque de realidade” inicial, no geral os novos docentes manifestam uma visão positiva da profissão e um crescimento pessoal ao exercê-la e um reconhecimento da comunidade pelo trabalho desempenhado. Apontaram como aspectos vantajosos do trabalho docente: “A gente aprende acaba conhecendo tendo mais aprendizado do que ensino” (PI – 02); “o salário, que todos estamos estudando porque querem viver um pouquinho melhor” (PI – 03). O reconhecimento do trabalho realizado também foi apontado pelo sujeito PI-03 “me encontram na rua me param, ‘professora aquilo que me falou em sala

ela está me dando suporte muito bom na universidade’ é uma coisa que não tem preço sabe”?

É que eu tenho com os meus alunos, eu amo o que eu faço, eu nunca me imaginei, porque assim no sentido, que eu sou falante da língua materna terena, de eu pensar, assim que um dia vou ser professora de língua portuguesa, tem que falar bem, tem que escrever bem agente é muito cobrado em relação a isso. (PI – 01)

Olha as vantagens é que a gente assim, tem o horário bem e é reflexivo você pode trabalhar em diferentes horários, a questão de eu estar trabalhando na área que eu gosto que é biologia eu me identifico com essa área e questão de contato direto com seu público que é o aluno. (PI – 04)

As vantagens e que eu consigo transmitir conhecimento e também adquirir conhecimento. (PI – 05)

Essa visão positiva da profissão pode ser confirmada quando questionados em relação aos aspectos negativos do trabalho, percebe-se que as queixas se referem às condições de trabalho como as cobranças sobre os resultados e a falta de recursos materiais e de infraestrutura.

É não seria aspecto negativo, mas assim dificuldade que eu tenho hoje, de eu saber lidar, o que acontece com os meus alunos, se eu trabalho um texto, da língua portuguesa o aluno se identifica, onde o aluno desabafa, coisas que a gente fica sem palavras, sem reação, eu não tô sabendo lidar com isso é nesse sentido, não seria aspecto negativo,

de eu assim consegui lidar com isso.
(PI- 01)

Assim a gente quer trabalhar de uma forma mas a gente não temos autonomia, pra tá trabalhando do jeito que a gente quer em forma de avalia, os alunos tem vários alunos que eles não vem, aparece uma ou duas vezes no semestre do EJA que é por módulo, não a gente não vai passar esse aluno ele não apareceu, muitas vezes quem acaba fazendo a avaliação é a coordenação. (PI-02)

Muitos primeiros que não para de estudar não sei se é negativo há uma cobrança muito grande cobrança burocrática e essa cobrança burocrática que eu acho que é o ponto mais negativo, sem recursos necessários sem tempo pra ... nos mesmos, a gente tem vida de casa, a gente também vive tenta viver o professor sobrevive. (PI-03)

Ainda falta recursos básicos questão de folha sulfite, lápis de cor, cola, às vezes temos que tirar do nosso bolso pra comprar tirar do nosso direito que as vezes não tem. (PI-04)

Mais uma vez a questão da falta de recurso didático questão mediático sempre falta. E a desvalorização dos professores que infelizmente a gente tá bem desmotivado para trabalhar com os cortes. (PI-04)

É o cansaço psicológico chega uma época que você está esgotada, sem falar do salário que é pior ainda.
(PI-05)

Tem-se assim uma perspectiva positiva quanto à inserção inicial na carreira, apesar de manifestarem algumas dificuldades, insatisfação com determinadas questões, os professores indígenas ao adentrarem a escola,

percebem possibilidade de crescimento pessoal, um desejo de apoio à aprendizagem dos alunos com apoio da gestão escolar e dos colegas para se integrem aos processos escolares.

Para referendar essa percepção inicial sobre as falas dos sujeitos, questionou-se no terceiro bloco de perguntas, como se desenvolve as atividades na escola, procurando compreender, por meio das percepções dos professores como desenvolve seu exercício profissional.

Inicialmente foi perguntado sobre como superam os impasses, especialmente, nos momentos de dúvidas e dificuldades, a quem recorrem? Esperava-se respostas como colegas de profissão (professores e coordenação pedagógica), livros, ex-professores da universidade onde cursou a licenciatura. Chama a atenção, a fala da PI-03 que recorre a Deus e ao esposo.

Eu converso muito quando eu tenho dúvidas hoje com a professora Marcia que é a professora de língua portuguesa, e a gente conversa e a gente se dá bem, às vezes nós sentamos com a professora Renata, professora Noemi, professora Ianara, sobre as dúvidas que vai surgindo. (PI-01)

Eu sempre procuro livros, o professor Adilson que me ajuda bastante, procuro muito ele. Então são esses assim que eu procuro quando tenho dificuldade. (PI-02)

Sobrecarregado fisicamente emocionalmente, não tem como deixar de dizer financeiramente também, eu recorro pra Deus, meu esposo me ajuda muito querendo ou não se envolve com a vida do aluno a vida no seu serviço agora pronto volta pra realidade, além de Deus primeiramente é o pessoal da casa mesmo meu esposo em especial dá um chega pra lá no suporte. (PI-03)

A coordenação e também assisto vídeo aula, procuro também em internet essas coisas. (PI-04)

Olha eu recorro ao coordenador por que ele e o que você consegue tirar dúvidas e dar uma equilibrada. (PI-05)

Considerando importante compreender como o professor iniciante se constitui no espaço escolar, se constitui redes de apoio ou se isola em suas atividades, questionou-se sobre as parcerias desenvolvidas em suas atividades. Indagados se tem conseguido realizar parceria com os colegas na escola? Obteve-se as seguintes respostas:

Sim, sim os projetos que eu fiz são voltados para a disciplina de língua portuguesa, eu tive o apoio da direção da coordenadora pra realiza. (PI-01)

Sim, com os colegas principalmente que eu tive na e conheci na faculdade graças a Deus mais uma vez colocou junto nós pra tá trabalhando que é a Neli, Noemi. Já enfrentamos dificuldade juntas então a gente trabalha juntas, temos parceria sim. (PI-02)

Os trabalhos que a gente resolve interdisciplinar eles só acontecem por causa disso se não tem parceria

com os outros colegas essa parcela de contribuição a gente faz com o outro ele tem muito a dar certo do que o trabalhar sozinho então a parceria com os coleguinhas é muito importante. (PI-03)

Ao serem questionados sobre vínculos e contatos com a universidade onde se formou quatro entrevistados apontaram manter esse vínculo, ainda que não seja de ordem institucional, mas pessoal e apenas com alguns ex-professores: “Com alguns quando vem à professora A, com o professor B, os quais são professores da Universidade Estadual de Dourados - MS, mas assim é um vínculo, contato direto, com a universidade não” (PI-01), “Sim” (PI-02), “Eu ainda tenho esse vínculo sim, porque estou voltando a estudar de novo depois desse tempo que me formei” (PI-03), Até o ano passado sim, porque eu estava no projeto de assistência dos bolsistas da faculdade” (PI-05). Apenas o PI-04 informou haver pouco contato, mas não detalhou.

Percebe-se que se organizam a partir de redes de apoio para o desenvolvimento de trabalhos coletivos com outros professores, com apoio da direção/coordenação escolar e também por meio de laços de solidariedade com ex-professores. Esses pontos de apoio, para os novos professores, são muito importantes para que se integrem ao dia-

a-dia da escola evitando o abandono da profissão.

Diante das históricas deficiências estruturais e de infraestrutura no espaço escolar, os depoentes foram indagados da seguinte forma: A infraestrutura da escola interfere na realização do seu trabalho? Percebe-se que entre todos entrevistados não há queixas quanto à interferência das condições da escola sobre o desenvolvimento de seu trabalho, como revelam o PI-04 “Não aqui temos um espaço bem bacana para trabalhar”, corroborada pela fala “A estrutura é uma boa estrutura” (PI-05). De forma mais detalhada, temos:

Não, eu penso assim, é que se a escola oferece um suporte para realizar projeto, até mesmo em sala de aula, como por exemplo: suporte em relação a tecnologia quando os alunos vão apresentar seminários peço pra eles utiliza, se a escola oferece, vamos explora nesse sentido. (PI-01)

É a falta de ter um espaço ali a infraestrutura dá, ela tenta o mínimo da comunidade a comodidade dos alunos. Tem ar-condicionado em todas as salas e as aulas da tarde melhorou muito melhorou até o empenho dos alunos melhorou. (PI-03)

Por fim, ao questionarmos como são os estudantes da escola, obtivemos como respostas:

Eu tenho um carinho especial pelos meus alunos, porque assim o que eu

aprendi com eles ou a gente cobra dos alunos, né o que aconteceu, eu cheguei à sala de aula, eu pedi pra eles escreve um texto dissertativo, argumentativo, de acordo com o que foi aplicado na sala de aula, quando eu cheguei lá, li o texto, quando cheguei ao último parágrafo o aluno não apresentou proposta, porque você não entendeu? Eu chamei atenção, eu não ouvi a parte dele, o porquê ele não conseguiu, quando ele voltou nós tivemos um diálogo e eu descobri o que aconteceu com ele, e nessa questão a gente aprende muito com eles, porque um simples abraço mesmo a gente pode ganhar o dia. Eu trabalho no período matutino, vespertino e noturno. (PI-01)

Eu trabalho com o nono ano eles, e vejo assim são alunos que querem aprender tem dificuldade de aprendizagem quando você propõe o trabalho coletivo ou individual eles fazem. (PI-02)

A grande maioria são 100% estudantes da reserva mesmo, eles são muito... Uma das coisas que tem de positivo eles não saem gritando com os professores quando a gente dá uma direção assim eles atendem bem né eles são um aluno que dá pra desenvolver estrutura familiar mesmo do aluno este tipo de aluno que a gente recebe difícil realidades que eles enfrentam por serem muito novos às vezes é o único lugar que vão comer almoçar um colega professor que vai dar atenção pra eles. (PI-03)

Olha eles são alunos assim na maioria no geral, bom, comportados que vemos que tem o interesse de buscar o aprendizado, mas tem exceções tem aqueles que não querem nada da vida. (PI-04)

Olha em relação aos alunos que trabalham eles estão na sala de aula, mas tem alguns que não tem o

objetivo para seguir a carreira. (PI-05)

Nota-se que existe uma percepção diversificada sobre os alunos, com perfis diversos, mas em sua maioria são vistos de forma positiva. A indisciplina e o desinteresse dos alunos são apontados como exceção, tendo como regra o esforço e o comprometimento, apesar de condições sociais e de vulnerabilidade.

Por compreendermos que são significativos os relatos coletados, nessa seção do texto priorizamos uma sistematização dos dados coletados nas entrevistas capaz de dar voz aos sujeitos entrevistados, selecionando elementos mais significativos para a compreensão das percepções dos professores indígenas iniciantes.

Aparamo-nos metodologicamente em Batista (2006, p. 139) “não é fácil dialogar com as pessoas que não conhecemos, mesmo com os que conhecemos é difícil manter um diálogo mais profundo. Mas é importante ouvir as pessoas” para o processo de escuta que se deu pela realização de entrevistas.

Na próxima seção apresentamos análises que estão embasadas no diálogo destas fontes empíricas com a produção da área, a partir de alguns autores selecionados.

As dificuldades dos professores indígenas no início da carreira docente

Para Cunha (2011), tanto no campo dos docentes que atuam em universidades como nas escolas de educação básica, no início da carreira, sobressaem às dificuldades com a prática de ensinar, exige continuar aprendendo e isso é um grande desafio para a vida dos profissionais, pois as maiorias dos docentes acreditam que estão preparados ao concluir a licenciatura.

O início da carreira docente é um grande desafio para a vida dos profissionais, pois configura uma profunda mudança social para o sujeito que aprende e para o sujeito que ensina. A decisão pelo magistério é permeada pela força de vontade e pelo desejo de se qualificar cada vez mais, sonhando em oferecer o melhor de si para sua comunidade, sonhando em fazer mestrado, doutorado e se aprofundar nos conhecimentos, aprender a fazer uma boa pesquisa.

Entretanto, quando inicia a docência, acaba encontrando barreiras e o choque de realidade. Nesse momento, percebe-se que ainda falta aperfeiçoamento quanto ao exercício da docência, pois na prática falta qualificação. Quanto à sua aprendizagem, percebe que não foi suficiente, pois, em

cada lugar, o contexto cultural e social é distinto, tendo que enfrentar a realidade para a qual não foi devidamente preparado em sua formação acadêmica, pois a sua responsabilidade é individual, porém é um desafio institucional das políticas educacionais. Como afirma Marcelo Garcia (2009, p. 20), “os primeiros anos de docência são fundamentais para segurar um professor motivado, implicado e comprometido com sua profissão”.

Ao ingressar na docência, o professor indígena encontra dificuldades comuns ao período inicial do exercício profissional vivencia de forma diferenciada sua aprendizagem, todavia isso ocorrerá por meio das contradições presentes na realidade educacional e escolar.

Para Papi e Martins (2009), a formação de docente é contínua e requer atenção especial, pois a formação significa uma etapa concluída pelos docentes objetivando melhorar sua atuação como professora, visto que é através de sua formação que lhe proporcionará novas práticas, não só isso como lhe ajudará em seu início de carreira nas suas interações sociais, em relação a escola, aos alunos e aos pais.

Martins (2004, p. 41) ressalta que as “... percepções são historicamente

constituídas a partir das relações sociais estabelecidas por seus sujeitos mediante às instruções em que se inserem, para fazer frente às contradições inerentes à realidade vivida”.

A partir de pesquisa realizada, o que se sobressai são as dificuldades encontradas pelos docentes, em carreira inicial, tanto para se inserir, quanto para permanecer na área que é formado, são dificuldades encontradas nas instituições, que não garantem o suporte ou acompanhamento contínuo, como suporte específico para a inserção e permanência desse professor iniciante.

Para sanar essa situação se faz necessário um processo contínuo de aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor em início de carreira, porque é nessa etapa que o professor adquire suas primeiras experiências como discente regente de uma sala de aula, e não mais como um simples estagiário, pois anteriormente como acadêmico ele não teria tantas responsabilidades, já no momento atual em que se encontra, ou seja, professor regente, tornando-se extremamente importante refletir sobre sua prática e também se apropriar de novas.

Podemos observar mediante a pesquisa que a iniciação à docência, pode ser muito difícil, pois encontrará uma

realidade um pouco assustadora, onde o professor em início de carreira não está habituado. Assim, gerando um choque de realidade, ao qual lhe evidenciará que serão grandes os obstáculos a serem superados no decorrer de sua carreira. Contudo, podemos observar que há uma falta de políticas públicas para a formação de professores iniciantes indígenas, visto que na maioria das vezes essas políticas são pensadas de forma homogênea, onde não condiz com a realidade vivenciada nas escolas indígenas de nosso país. Sendo assim, se faz necessário um apoio maior na formação desse professor, desde sua formação inicial, ou seja, um olhar mais amplo das universidades para com esses professores indígenas, onde eles possam sentir-se acolhidos e inseridos realmente nas graduações, isso o ajudará em sua inserção no espaço escolar, de modo que, ele estará mais seguro em sua atuação como docente.

A pesquisa realizada nos ajudou a desvelar as principais dificuldades vivenciadas pelos professores indígenas em início de carreira. As dificuldades podem ser categorizadas de natureza pedagógica, uma vez que anseiam encontrar uma metodologia que possa alcançar o aprendizado de todos os alunos; de natureza material, pois três professoras indicaram a falta de recursos de materiais

didáticos, de tecnologia e de materiais na língua materna terena e guarani. Entre as dificuldades relatadas está a aceitação, por parte dos alunos, da gestão e da própria comunidade, porque eles não queriam que os professores não indígenas sássem, para os indígenas assumirem o cargo. Apenas uma das professoras entrevistadas disse que foi em relação ao conteúdo, porque os alunos são bem críticos.

Em uma das falas das professoras entrevistadas, esta informou que ao chegar na escola era um momento de transição, digamos assim, em que a metade dos professores que ocupavam os cargos eram não indígenas, e a outra metade era indígena. Ela chegou num momento muito importante em que o percentual de indígenas foi ampliado para setenta por cento, com o preenchido das vagas pelos indígenas já com formação superior. Esse processo gerou alguns tensionamentos, uma vez que professores não indígenas ou indígenas sem curso superior, foram substituídos pelos novos docentes recém-formados. Algumas das dificuldades do processo foram explicitadas quando outra professora disse que não foi bem acolhida ao chegar à escola, por parte da coordenação e direção.

Dos cinco professores iniciantes entrevistados, dois manifestaram

vivenciarem essa mesma dificuldade, ao passo que outras três não manifestaram o mesmo problema, externando que tiveram boa recepção e acolhida de todos na escola. Essas narrativas indiciam que esse processo de tensionamento foi conjuntural e tanto direção como o coletivo da escola naturalizou a percepção de que docentes com a formação adequada ocupariam todas as funções na escola, atendendo às determinações legais.

Percebe-se que o acompanhamento dos egressos por parte das instituições ainda é insuficiente, pois não dão suporte para conduzir o docente que entra no mercado de trabalho, com vontade de fazer o melhor e fazer a diferença, quando isso ocorre não tem muita aceitação, não tem apoio adequado e também tendo que seguir as normas das instituições e do sistema, assim ficando decepcionado em sua tão sonhada carreira profissional, não é como esperava. Portanto, nesta hora, é de extrema importância a colaboração dos professores que já atuam na área há mais tempo para mostrar solidariedade com os docentes que estão ingressando na docência.

A investigação captou as percepções das professoras indígenas entrevistadas sobre o primeiro dia de aula. Para três professoras, foi um momento de se conhecer e se apresentar para os alunos,

falar com eles de suas metodologias de avaliação, mas aula mesmo em si não foi possível. Nas descobertas das professoras, que foi uma das coisas mais interessantes, porque elas disseram que os discentes passam a ser docente que percebe que não podem se acomodar e tem que estudar mais, e também tem que estar preparados, porque se deparar com coisas, que não são do seu alcance, por isso vem o choque de realidade encontrada na sala de aula, pois quando chega na escola com aquela vontade de mudar alguma coisa, mas não consegue porque você é limitado e não tem apoio por parte da gestão.

Com isso, constatamos que no início da carreira não se está preparado, pois a prática é bem diferente da teoria que se estuda na graduação. Analisando as vantagens do trabalho, é que a gente aprende, é uma troca de conhecimento. Assim, duas professoras, que passaram pela entrevista, disseram a mesma coisa, que é a troca de aprendizado e também a adaptação é muito importante a cada sala e anos são diferentes e as aprendizagens não são iguais, cada professor tem que se adaptar em diferentes salas. Contudo, Marcelo Garcia (2009) considera que:

O início de uma profissão inclui o reconhecimento de sua cultura, do estado que ocupa na pirâmide social e do trabalho, e das peculiaridades sócio-políticas que as caracterizam. Contudo, quando a

transição, passa de aluno para professor é um grande desafio, por isso é preciso, manter equilíbrio e domínio na sala de aula, com isso os novos docentes tem certa vantagem por fazer parte dessa nova era, de aprendizagem, que inclui a era da tecnologia em todas as áreas de aprendizagem a importância dos professores universitários na sociedade é indispensável, mas não é o suficiente. Enquanto docente a pesquisa faz com que se tornem, mais crítico em sua visão de mundo e ver que ainda falta muito a aprender, por isso não podemos afirmar que um professor pesquisador, qualificado será um bom professor profissional. (Marcelo Garcia, 2009, p. 86).

Foi explicitada a falta de recurso didático nas escolas e, ainda, a existência de cobrança burocrática que surge em cima do professor, pois, mesmo sem ter recurso, o professor tem que se virar do jeito que consegue, e os aspectos que foram esclarecidos é que devido as condições de vida dos alunos, as condições que os alunos indígenas se encontram, em questão social, quanto à vulnerabilidade social. Apesar dessas queixas as entrevistadas relatam os esforços em superar as dificuldades e a adaptação ao que é disponibilizado pela escola.

Nas análises realizadas, as professoras, falantes da língua terena e guarani, disseram que os materiais didáticos não são na língua, aspecto que dificulta a aprendizagem dos alunos

indígenas, por não ter o material de apoio na língua materna. Além desta questão, que indica a existência das barreiras encontradas pelo caminho, a falta de autonomia do professor para realizar as avaliações finais, pois, em vários casos, quem realiza a avaliação final e acaba decidindo se passa o aluno ou não é a coordenação. Um aspecto positivo identificado nas entrevistas refere-se à existência de parcerias com os colegas, eles conseguem desenvolver alguns projetos juntos e com a comunidade também. Os professores que passaram pela entrevista disseram que no estado é a primeira escola que estão atuando e tem um espaço bacana para interagir com os alunos e os mesmos têm uma parcela de contribuição, pois são atenciosos e tem vontade de aprender e respeitar os professores, embora com algumas exceções. Dessa narrativa sobre o espaço escolar, depreende-se que as docentes, apesar das dificuldades, têm apoio para continuarem na profissão, principalmente dos colegas docentes e da coordenação da escola, mas também de ex-professores. Existe, portanto, uma visão crítica da realidade, acompanhada de um otimismo quanto à continuidade na profissão docentes, uma vez que nenhum entrevistado manifestou a intenção de abandonar a profissão.

Considerações finais

Este estudo foi construído a partir da conceituação de professor iniciante aportado em Papi e Martins (2009), que nos norteiam sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores ao se inserirem na docência. Conquanto não localizemos na produção científica investigações que abordem especificamente a inserção de professores indígenas em início de carreira, cabe ressaltar que este processo necessita ser tratado nos cursos de licenciatura do país e também no âmbito das políticas educacionais.

Ao compararmos as dificuldades dos professores indígenas iniciantes que atuam em uma escola indígena, com as dificuldades dos professores iniciantes não indígenas apresentados pela literatura da área pode-se compreender algumas diferenças, relacionadas principalmente ao contexto de atuação e a inexistência, ou insuficiências das políticas específicas para essa realidade.

Denota-se que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes indígenas no início da carreira está diretamente ligado à língua materna. Muitos dos professores, mesmo sendo indígenas, distanciaram-se de sua língua materna devido ao contato com os não indígenas ao passo que muitos alunos tem

como língua materna o guarani. Acrescenta-se ainda o fato de que a língua portuguesa ser vista como uma imposição da sociedade brasileira. Essas questões criam diversos tensionamentos em torno do uso das duas línguas no processo de aprendizagem.

Observa-se, ainda, a ausência de políticas educacionais que fomentem e incentivem o ensino das línguas guarani e terena nas escolas indígenas brasileiras, ainda que há pouco tempo fora lançada no Brasil uma gramática da língua guarani, ela ainda não chegou às universidades e escolas públicas. Acreditamos que quando ela for distribuída, isso supondo que o Ministério da Educação tenha interesse em adquirir e distribuir trará alguns avanços para as escolas indígenas. Materiais didáticos em língua guarani ou não, quando existentes são insuficientes para os processos de ensino.

Pudemos constatar que outro problema encontrado pelos professores indígenas iniciantes, diz respeito ao preconceito dos próprios alunos indígenas, os quais preferem os professores não indígenas ao invés dos indígenas, por acreditar que eles não têm a mesma capacidade, isso em relação às questões culturais, pois os professores não indígenas trazem consigo a sua cultura e seus diferentes saberes, de um mundo

tecnológico adverso ao vivenciado por eles, isso desperta a curiosidade dos alunos indígenas, pois eles querem pertencer a esse universo globalizado.

Cabe ressaltar que não é o desejo da maioria, mas as escolas indígenas juntamente com as universidades devem fornecer ferramentas que deem condições a esses professores indígenas se capacitarem e atuarem igualitariamente, só assim essas barreiras encontradas por eles serão superadas. A pesquisa demonstrou que, além das dificuldades comuns a todos docentes iniciantes, os professores indígenas iniciantes, enfrentam outros desafios e que apesar das dificuldades mantem uma percepção positiva da profissão.

Referências

Amorim, M. M. T. (2017). O início da carreira docente e as dificuldades enfrentadas pelo professor iniciante. *Revista @mbienteeducação*, 10(2), 276-88. <https://doi.org/10.26843/ae19828632v10n22017p276a288>

André, M. E. D. (2018). Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência. *Revista Brasileira de Educação*, 23, 1-20 e230095. <https://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230095>.

Batista, E. (2006) Fazendo pesquisa com meu povo. *Tellus*, 6(10), 139-142.

Cunha, M. I. (2011). Políticas de desenvolvimento para professores

iniciantes. *34ª Reunião Anual da ANPEd*, Natal.

Cunha, M. I., Braccini, M. L., & Feldkercher, N. (2015). Inserção profissional, políticas e práticas sobre a iniciação à docência: avaliando a produção dos congressos internacionais sobre o professorado principiante. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 20(1), 73-86. <https://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000100006>

Dourados – MS. Projeto Político-Pedagógico. (2020). Escola Estadual Indígena Intercultural Guateka - Marçal de Souza.

Huberman, M. (1992). O Ciclo de vida profissional dos professores. In Nóvoa, A. (Org.). *Vidas de professores* (pp. 31-61). 2. ed. Portugal: Porto Editora.

Lima, D. C. (2017). As dificuldades e conquistas dos professores iniciantes em turmas de alfabetização: aspectos didáticos pedagógicos. In Silva, K. A. C. P., & Cruz, S. P. S. (Orgs.). *O professor iniciante: sentidos e significado do trabalho docente* (pp. 79-94). Jundiaí, SP: Pacco.

Marcelo Garcia, C. (2009). *El profesorado principiante. Inserción a la docencia*. Barcelona: Ediciones Octaedro.

Marcelo Garcia, C. (1992). A formação de professores: centro de atenção e pedra-de-toque. In Nóvoa, A. (Org.). *Os professores e sua formação* (pp. 53-76). Lisboa: Dom Quixote.

Martins, P. L. O., & Papi, S. O. G. (2010). Professor Iniciante. In Oliveira, D. A., Duarte, M. C. & Vieira, L. M. F. (Orgs.). *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente* (pp. 01-03). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação. CDROM.

Martins, P. L. O. (2004). Princípios didáticos na ação docente: conhecimento como expressão da ação docente. In Romanowski, J. P., Martins, P. L. O., & Junqueira, S. R. A. (Orgs.) *Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente* (pp. 43-57). Curitiba: Champagnat.

Papi, S. O. G., & Martins, P. L. O. (2009). As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações. *Educação em Revista*, 26(3), 39-56. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000300003>

Perboni, F., & Figueiredo, C. R. S. (2019). *Lugares e não lugares do estágio supervisionado em universidades públicas de Mato Grosso do Sul: UEMS e UFGD*. Curitiba: CRV. (Coleção Licenciaturas – volume 1). <https://doi.org/10.24824/978854443739.1>

Perboni, F., Militão, A. N., & Figueiredo, C. R. S. (2020). *Estágio supervisionado sob diferentes olhares*. Curitiba: CRV. (Coleção Licenciaturas – volume 12).

Romanowski, J. P., & Oliver Martins, P. L. (2013). Desafios da formação de professores iniciantes. *Páginas de Educación*, 6(1), 83-96. Recuperado em 20 de septiembre de 2020, de http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-74682013000100005&lng=es&tlng=pt.

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 21/01/2020
Aprovado em: 01/08/2020
Publicado em: 26/11/2020

Received on January 18th, 2020
Accepted on August 01st, 2020
Published on November, 26th, 2020

Contribuições no artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Queila Viana da Silva



<http://orcid.org/0000-0003-3548-8520>

Andréia Nunes Militão



<http://orcid.org/0000-0002-1494-8375>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Silva, Q. V., & Militão, A. N. (2020). O que revelam os professores indígenas em início de carreira? Um estudo da Escola Estadual Intercultural Guateka Marçal de Souza - Aldeia Jaguapiru no município de Dourados/MS. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e8279. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e8279>

ABNT

SILVA, Q. V.; MILITÃO, A. N. O que revelam os professores indígenas em início de carreira? Um estudo da Escola Estadual Intercultural Guateka Marçal de Souza - Aldeia Jaguapiru no município de Dourados/MS. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e8279, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e8279>